Rio Grande do Sul
ACADEMIA DE HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL
AHIMTB/RS

INFORMATIVO

O TUIUTI

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025 Outubro Nº 490

A NOVA ROTA DA SEDA

Luiz Ernani Caminha Giorgis (*)

Lembre-se de cavar o poço bem antes de sentir sede

Provérbio chinês

INTRODUÇÃO

Há algum tempo os noticiários vem dando conta de que a China estaria desenvolvendo estratégias comerciais no mundo inteiro com o objetivo de criar uma nova "Rota da Seda". Vejamos, primeiro, o que é seda.

Conforme a Enciclopédia Barsa, volume 12, verbete Seda e Sericicultura, edição de 1977:

> a seda é uma substância fibrosa, produzida por muitos insetos que, durante a fase final de sua transformação, procuram abrigar-se em casulos, forma evolutiva sob a qual se apresentam. [...] somente os bichos da seda da amoreira chinesa, chamados *Bombyx mori* [...] são capazes de produzir, exclusivamente, as fibras da seda.

Portanto, o que interessa para a produção da seda propriamente dita são as suas fibras. A China foi a pioneira na sericicultura, e guardou o segredo dessa produção durante séculos, até o III dC, quando o Japão também se tornou produtor.

Os relatos históricos dão conta de que o primeiro país que importou a seda chinesa foi a Pérsia, por volta do século II aC.

Em França, Carlos Magno (742-814) resolveu implantar essa indústria, mas somente no século XIV a região de Lyon tornou-se um importante centro produtor. A seda francesa sofreu um grande golpe com a Revolução Francesa (1789), posto que o produto era identificado como um luxo da nobreza. Napoleão teve uma melhor visão sobre o assunto e restaurou o antigo prestígio. Lyon, hoje, é um centro de industrialização da seda em França.

Hoje, além da China, os seguintes países são produtores de seda: Índia, Uzbequistão, Vietnam, Brasil, Japão, Coreia do Sul, Tailândia e Irã.

De qualquer forma, a China foi a pioneira na produção da seda e criadora das antigas rotas de exportação do produto no hemisfério norte.

As rotas eram praticadas por caravanas de mercadores e também por navios mercantes nos mares do mundo.

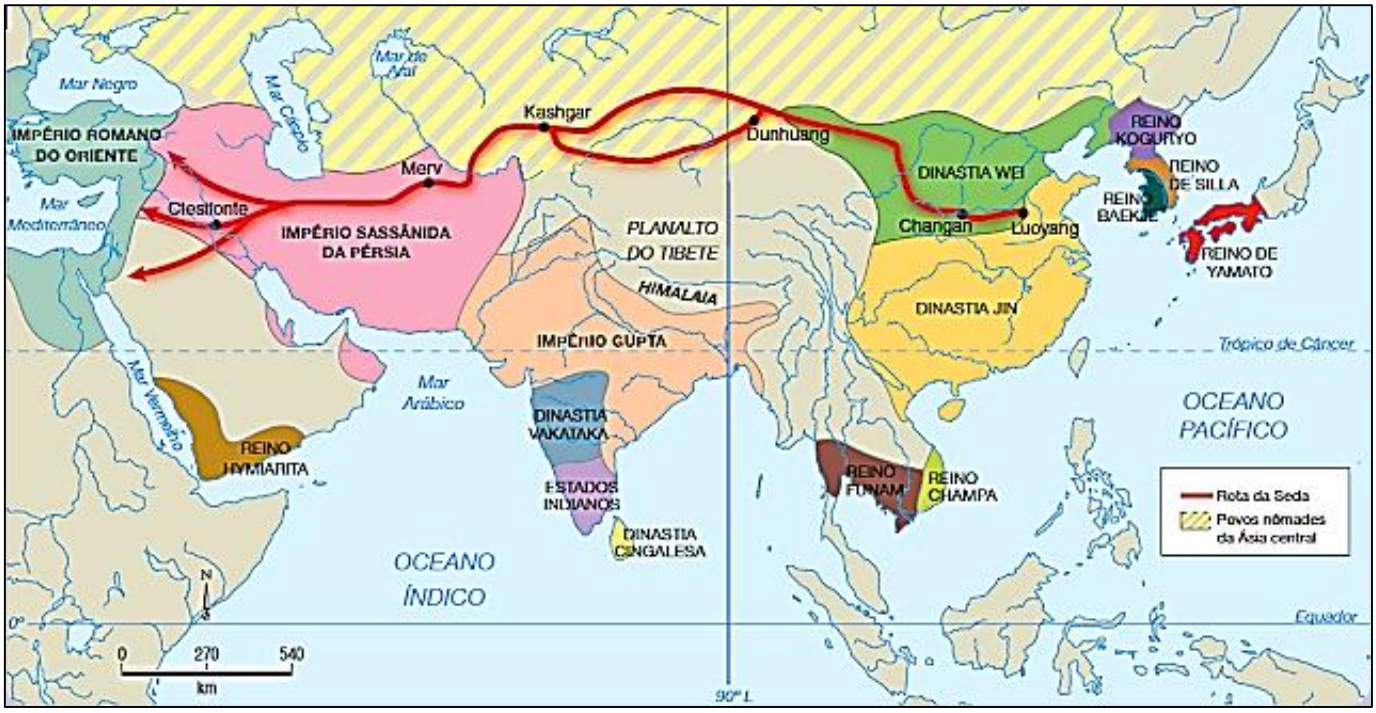
Por oportuno, a seda é empregada na indústria têxtil, sendo reconhecida por sua textura suave. O produto final se torna um tecido leve e fluido. Ele é ideal para roupas que exigem movimento, como vestidos, quimonos, lenços, mas também echarpes, cuecas, pijamas, etc., proporcionando conforto para quem veste essas peças. É usado também para roupas de cama. Possuindo um brilho natural, esta característica confere às roupas um acabamento elegante e sofisticado, ainda mais quando o tecido é estampado. A seda tem aceitação mundial, mas sempre foi um produto caro, não acessível às camadas mais carentes das populações.

A ROTA DA SEDA

Conforme informações colhidas na Internet através da Inteligência Artificial (IA):

> A Antiga Rota da Seda foi uma vasta rede de rotas comerciais terrestres e marítimas que ligavam a Ásia à Europa, Oriente Médio e África, sendo a seda chinesa a mercadoria mais famosa que viajava por ela, mas também transportando especiarias, metais preciosos, conhecimento e religiões. Essa rede foi fundamental para o desenvolvimento de grandes civilizações, facilitando o intercâmbio cultural e o surgimento do mundo moderno, e floresceu entre o século II a.C. e o século XV d.C., sendo revivida pelos mongóis e, posteriormente, fechada pelo Império Otomano. A rota se originava em cidades chinesas como Chang'an (atual Xian), passando por rotas continentais e também rotas marítimas através da Índia, Golfo Pérsico e Mar Mediterrâneo. A seda era a mercadoria mais valiosa, mas também eram transportadas especiarias, metais preciosos (ouro e prata), lã, arte e outros produtos. A rota não era apenas um canal de comércio, mas também de intercâmbio cultural, levando a cristianismo, budismo, judaísmo e islamismo da Ásia para o Oriente e vice-versa. As rotas continentais atravessavam regiões desérticas, montanhosas e estepes, utilizando caravanas de camelos, enquanto as rotas marítimas conectavam portos ao longo de oceanos. Com o fim do Império Romano do Oriente e a ascensão do poder árabe, a rota tornou-se insegura. O Império Mongol reviveu-a nos séculos XIII e XIV, mas o seu declínio final ocorreu com a ascensão do Império Otomano e o fechamento da rota em 1453. A Rota da Seda foi crucial para o desenvolvimento de civilizações como a China, Índia, Pérsia, Mesopotâmia e Roma, além de ter sido um canal para a fundação do mundo moderno. Permitiu o contato pacífico e o intercâmbio

de conhecimentos entre diferentes culturas, o que ajudou na disseminação de inovações em diversas áreas, como a matemática, ciência e fabricação de papel. A busca europeia por rotas alternativas à Rota da Seda, que estava controlada pelos otomanos, impulsionou a Era dos Descobrimentos e as grandes navegações.



Acima, a antiga Rota da Seda, com 12 mil Km. Fonte: Internet.

Grandes invenções chinesas, como o papel, a pólvora e os fogos de artifício, se tornaram conhecidas através da Rota da Seda. Da mesma forma, especiarias, linho, joias, madeira, chás, porcelana e objetos de vidro.

Foi o navegador português Vasco da Gama, quando descobriu o caminho marítimo para as Índias, em 1498, que fez com que a antiga rota perdesse parte da sua importância.

A NOVA ROTA DA SEDA

A China sempre procurou manter o comércio de seus produtos com países asiáticos e europeus ao longo dos séculos. Isto sempre foi mantido em maior ou menor grau mesmo com os sérios problemas enfrentados pelos chineses no final do século XIX e durante o século XX.

Em 2013, um grande projeto comercial chinês foi lançado para revitalizar e expandir as antigas rotas comerciais de exportação de produtos “sinos” através do território chinês em direção à Europa, Ásia, África e até mesmo, constituindo uma novidade, a América Latina.

Para isso, um ambicioso programa de implantação e melhoramento da infraestrutura começou a ser desenvolvido. Os objetivos, por lógico, foram portos marítimos e fluviais, aeroportos, ferrovias e estradas. São exemplos grandiosos a Ponte Terrestre Eurasiática[1] e a Iniciativa do Cinturão e Rota da China[2].

A grande iniciativa é para promover o comércio, a cooperação econômica e a influência global da China. A logística chinesa para a expansão da seda e para fazê-la aos inúmeros cantos do mundo é algo grandioso.

Há alguns anos, disse o atual dirigente Xi Jinping que a China nunca mais seria humilhada como foi no passado. A História nos dá conta de que isso constitui uma verdade, mas não é assunto para este trabalho.

[1] Nova Ponte Terrestre Eurasiática do projeto da Belt and Road Initiative (BRI) da China, que liga portos do Pacífico a portos do Atlântico através de rotas ferroviárias e rodoviárias já existentes e novas dentro da Eurásia.

[2] A Iniciativa Cinturão e Rota (BRI) é a principal estratégia econômica e de cooperação internacional da China. A BRI também é conhecida como "Um Cinturão, Uma Rota" (OBOR), "Cinturão Econômico da Rota da Seda e a Rota da Seda Marítima do Século XXI" ou simplesmente "Nova Rota da Seda".

Conforme o site de notícias G1:

> A Nova Rota da Seda foi lançada pela China em 2013 com o objetivo de expandir sua influência global por meio de investimentos em infraestrutura, comércio e conectividade em dezenas de países.

Ou seja, para a China não se trata somente de comprar ou vender produtos e sim interagir com países parceiros e participar de projetos de infraestrutura e conectividade. Ou seja, uma grande rede logística, aparelhada para otimizar a atividade.

Ainda conforme o mesmo G1, até 2024, mais de 100 nações já haviam aderido ao projeto sino, que movimentou mais de um trilhão de dólares em investimentos. Realmente, um negócio da China.

Quanto ao Brasil, sabe-se que o atual governo vem se resguardando da possibilidade de aderir totalmente ao projeto. O problema é que a diplomacia comercial chinesa é envolvente, e procura comprometer os outros parceiros com os seus projetos.

Inclusive através dos BRICS, o grande conglomerado formado pelo Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, além de países associados. Seguramente, mais de três bilhões de pessoas é a soma aproximada das populações dos BRICS.

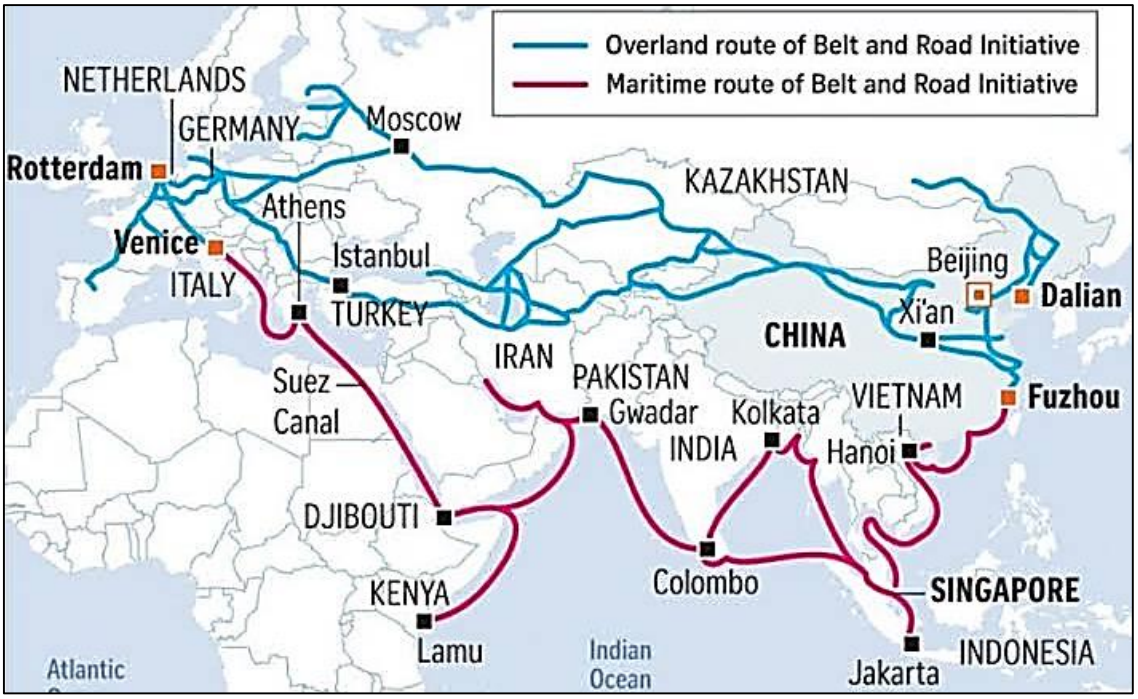
Conforme Joseph Nye, citado por Fabiano Vargas da Silva Coelho[3]

> "A Nova Rota da Seda representa uma oportunidade sem precedentes para a cooperação econômica global, promovendo interdependência e prosperidade compartilhada entre as nações".

E conforme John Mearshimer, citado também por Fabiano Coelho no mesmo trabalho:

> "A ascensão da China inevitavelmente levará a uma intensa competição de segurança com os Estados Unidos e seus aliados, pois a China busca maximizar seu poder e influência global".

São, ou serão, seis corredores econômicos terrestres, ligados por infraestrutura rodoviária, ferroviária, de energia, e pela Rota da Seda Marítima, que envolve o desenvolvimento de portos. Ou seja, isto tudo é, ao mesmo tempo, um projeto geopolítico e geoeconômico.



A Nova Rota da Seda (Belt and Road Initiative – BRI). Fonte: Internet

[3] Monografia (TCC) da ESG, Rio de Janeiro, 2024: "Avaliação dos riscos geopolíticos da nova rota da seda ao entorno estratégico brasileiro por método TOPSIS" (técnica que usa algoritmos para apoio à decisão, o que envolve múltiplos critérios para ordenar as alternativas por similaridade com a solução ideal).

CONCLUSÕES

O acima disposto nos leva a perceber que existe, e existirá cada vez mais, uma grande rivalidade entre o gigante asiático e nações ocidentais em relação ao comércio mas não somente a ele e sim segurança militar de uma maneira geral.

É bom, muito além de somente perceber, começar a trabalhar o contexto acima abordado no que se refere à logística global e posições militares vantajosas ao longo dos caminhos e rotas. Posto que, isto, em caso de confronto bélico, adquire uma importância fundamental.

Este contexto adquire, portanto, dimensões geopolíticas.

Entretanto, é bom salientar, mesmo que isto seja somente no campo das opiniões, o que a China quer, aparentemente, é vender e não guerrear contra ninguém.

Conforme o site Outras Palavras são estes os objetivos sinocêntricos:

> [...] Primeiro, ao criar demanda para a supercapacidade ociosa de sua indústria nacional. Segundo, ao interagir com questões vinculadas à segurança alimentar e energética, bem como de acesso aos recursos naturais necessários à manutenção do projeto de desenvolvimento, tendo em vista criar alternativas ao chamado *Dilema de Malaca* – o eventual estrangulamento das vias de suprimento pelo controle estrangeiro do estreito. Terceiro, ao contribuir para potencializar a internacionalização de suas empresas e serviços nacionais, principalmente de engenharia, enquanto fortalece a presença do país nas redes comerciais regionais, ampliando o papel gravitacional da China.

Dentro do BRICS, a China ainda precisa equilibrar suas relações com a Índia.

Precisa ainda, resolver a questão taiwanesa, acertar suas relações com o Japão (prejudicadas desde a II Guerra Mundial) e, mais importante, encaminhar suas relações com o outro gigante comercial e militar, os Estados Unidos da América.

Quanto à Europa como um todo torna-se necessário um estudo mais aprofundado, porque o ocidente europeu oferece a União Europeia (formato evoluído do antigo Mercado Comum Europeu) como um conjunto sujeito às mesmas regras mas também, impositivo, as negociações bilaterais do China com cada um dos países formadores do bloco.

Finalmente, frase atribuída a Napoleão Bonaparte:

> “Deixem a China dormir, pois quando ela acordar, o mundo tremerá".

Por derradeiro, os países democráticos preservam um receio da influência ideológica da China e seus pressupostos maoístas, ou seja, de orientação comunista.

Não parece ser esse o objetivo da China, e sim, como já foi dito acima, a grande motivação é comprar e vender (o Brasil é um dos maiores exportadores para os chineses).

Enquanto assim for, nos mantenhamos sempre prontos para termos a China como um comprador dos nossos produtos mas, e isto é imperativo, com a guarda alta na defesa da democracia.

É a minha opinião.

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.

Referências:

BARSA, Enciclopédia, volume 4, verbete China.

COELHO, Fabiano Vargas da Silva. Avaliação dos Riscos Geopolíticos da Nova Rota da Seda ao Entorno Estratégico Brasileiro por método TOPSIS. In: Escola Superior de Guerra, Trabalho de Conclusão de Curso, Rio de Janeiro, 2024.

https://exame.com/mundo/eua-anuncia-medidas-contra-projetos-chineses-da-rota-da-seda-nas-americas-apos-adesao-da-colombia/

https://g1.globo.com/politica/noticia/2025/05/18/entenda-o-que-e-a-nova-rota-da-seda

O primeiro drone: um tremendo fracasso

Vivaldo José Breternitz (*)

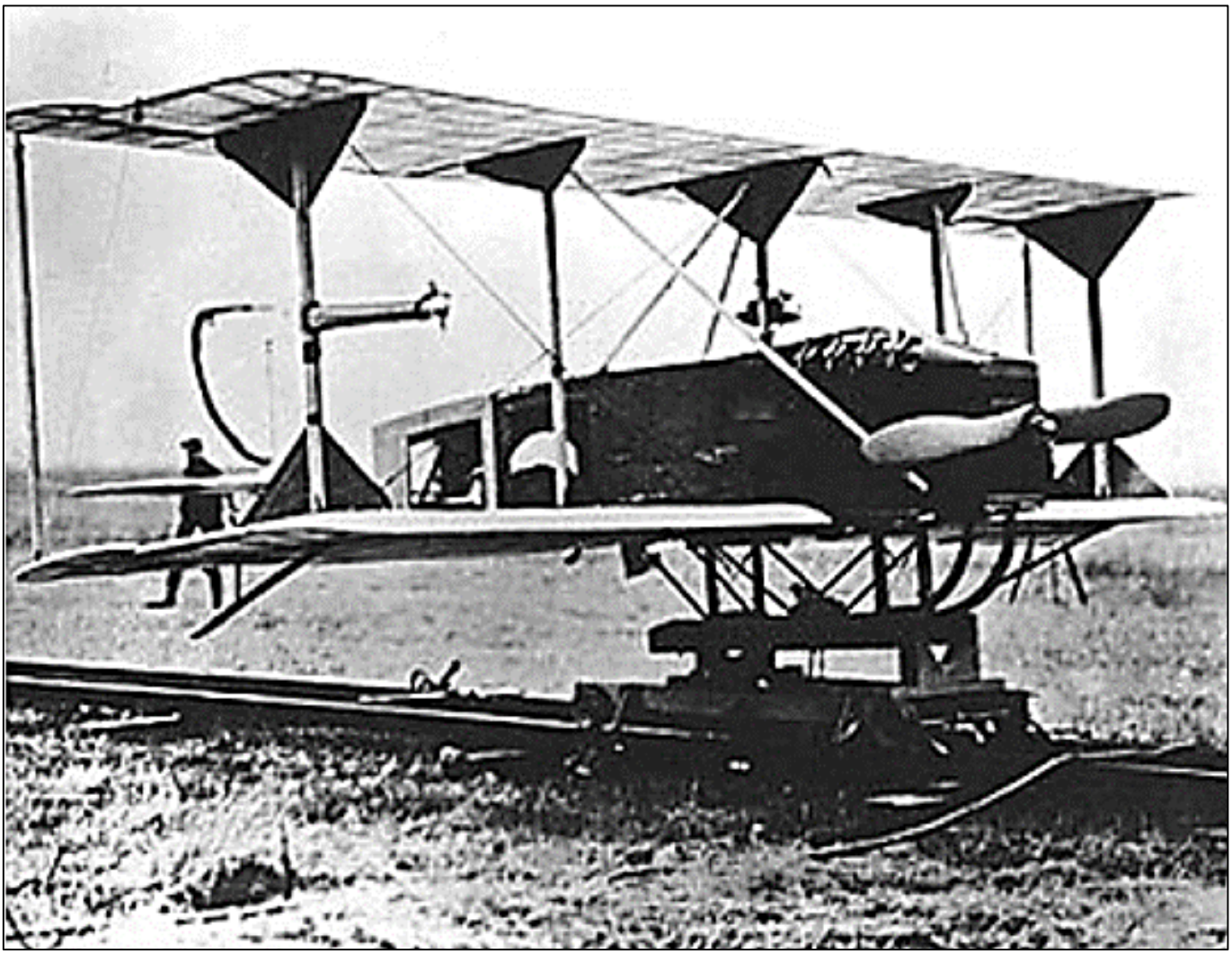
Nestes tempos que a utilização de drones para fins militares vem crescendo exponencialmente, vale a pena lembrar aquela que é considerada a primeira dessas máquinas: a Hewitt-Sperry Automatic Aircraft, projetada por Elmer Sperry (engenheiro especialista em giroscópios) e Peter Hewitt (físico) em 1916-1917, para uso da marinha americana.

Os Estados Unidos preparavam-se para a Primeira Guerra Mundial e o projeto despertou o interesse da Marinha, que o via como um possível "torpedo aéreo" capaz de atingir alvos inimigos sem arriscar a vida de seu pessoal.

Pretendia-se criar uma espécie de bomba voadora a ser utilizada contra navios.

Tratava-se de um avião Curtiss N-9 carregado com 450 quilos explosivos, com 5,5 metros de comprimento e movido por um motor de 12 hp que lhe daria uma velocidade 140 km/h e um alcance de 80 km

– a foto abaixo mostra a arma.



A máquina era estabilizada e dirigida por giroscópios e por um barômetro usado para controlar a altitude (dizer que era pilotada seria muito generoso...).

Seu primeiro voo aconteceu em 6 de março de 1918; a ideia era apontar a geringonça para o alvo e lança-la; apesar de muitas tentativas, mesmo após o fim da Guerra, o projeto foi abandonado em 1925, por nunca ter funcionado de forma satisfatória, apesar de tentativas de controlar a máquina por rádio.

No entanto, inspirou outros programas, como o Kettering Bug (1918), uma arma similar a ser usada em operações terrestres.

O Kettering passou por testes iniciais com sucesso, tendo até sido produzidas 45 unidades até o final daquela Guerra, que nunca foram utilizadas em combate, pois havia preocupações com a possibilidade de acidentes quando sobrevoando tropas amigas.

A foto abaixo mostra um modelo da arma que está exposto em museu da USAF:

A tecnologia permaneceu secreta até a chegada da 2ª Guerra Mundial.

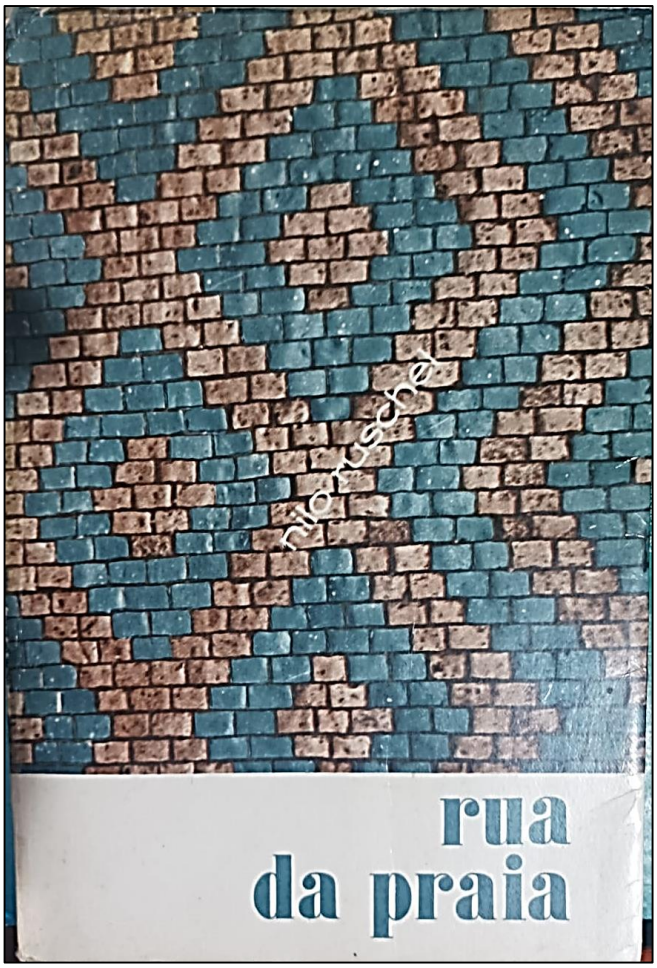
(*) Vivaldo José Breternitz, Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitz@gmail.com.

****

Em alusão à passagem dos 95 anos do início da Revolução de 1930 em Porto Alegre, transcrevemos o texto abaixo, que deve ser - ou passar a ser - do conhecimento de todos os civis e militares. Trata dos acontecimentos anteriores e, principalmente, a partir das 1730 h do dia 03 de outubro de 1930.
O Editor

RUA DOS ANDRADAS (RUA DA PRAIA), PORTO ALEGRE, 03 DE OUTUBRO - INÍCIO DA REVOLUÇÃO DE 1930 -

Texto extraído das páginas 161/167 do livro RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Secretaria Municipal da Cultura/Editora da Cidade, 1971 (capa abaixo).



Na rua da Praia teve começo, em Trinta, o movimento de contestação que o Rio-Grande lançou contra os processos políticos da chamada "república velha".

É sabido que muitas das confabulações se desenrolaram, entre chás com torradas, nas mesinhas da Confeitaria Central.

O seu grande articulador, Oswaldo Aranha, que havia deixado a Secretaria do Interior para ter os movimentos mais livres, não andava confinado em secretos lugares para conspirar. Ainda pela manhã do dia 3 de outubro ele foi visto caminhando pela rua da Praia, um pouco apressado, é verdade, e com ar de certa preocupação. Mas isso nem chamava a atenção, tanto havia sido marcada e desmarcada a Hora H.

As autoridades federais, elas próprias, já teriam afrouxado a vigilância. De maneira que a vida decorria normal ao longo de toda a rua.

Tiroteios não eram propriamente novidade. Até poucos anos antes, eles constituíam distração de gente sem assunto.

Porisso quando, às cinco e meia da tarde, ouviram-se tiros lá para os lados da igreja das Dores, não chegou a haver correrias nos primeiros momentos. Alguns fregueses vieram até as portas dos cafés e das barbearias, para conferir.

Mas viram que havia coisa quando o tiroteio se tornou insistente e, ao mesmo tempo, um grupo de paisanos assaltava o prédio dos Correios, outro o Banco do Brasil, tudo ali nas barbas do povo. Então notou-se intensa movimentação de curiosos, na direção de onde vinham os tiros. Tinha estourado mesmo a revolução. E o povo correu para ver.

E do que aconteceu a partir daquele instante, os contemporâneos, cada um, têm o que contar. Eu mesmo poderia dar a minha achega, para lembrar o dramático episódio que a rua viveu.

A deflagração do movimento estava assim determinada: Oswaldo Aranha, com um grupo, atacaria o Quartel General e Flôres da Cunha, com outro, o Quartel de Subsistência, ou Arsenal de Guerra, na outra extremidade da quadra.

A discreção, até o último instante, perdurava. Oswaldo apenas telefonou para casa, recomendando o seu irmão Euclides, algumas providências de ordem doméstica, relacionadas com os cuidados que deveriam cercar a mãe de ambos. E pediu-lhe que estivesse, pelas cinco da tarde, no quartel da Guarda Civil.

Lá chegando, Guido já encontrou seus outros irmãos Ciro e Lulú. Foi quando Oswaldo lhes anunciou o ousado golpe, dizendo:

- O pelotão que vai atacar o QG será uma força de sacrifício e eu quero que os meus irmãos participem junto com os guardas.

No ímpeto do ataque, Guido Aranha só viu o guarda estendido na calçada, com os miolos rebentados e outro que rodopiou com um tiro no coração. O sangue que esguichava desenhou um círculo vermelho sobre o muro.

Lulú Aranha, chegando à janela do primeiro andar, para anunciar que o quartel estava tomado, quase foi colhido pela rajada de metralhadora que estava sendo usada pelo tenente Noêmio Ferraz, desde o quartel da Brigada, como cobertura aos atacantes.

Mas tenho coisa mais valiosa. Tenho o depoimento falado de um dos condutores do movimento, o general José Antônio Flôres da Cunha, que recolhi para o "Arquivo de Vozes" criado por mim na Rádio da Universidade. Isso um mês antes de falecer o "último caudilho". E assim, vou dar a palavra ao próprio Flôres e deixar que a entrevista decorra "in natura", na espontaneidade de uma conversa.

"General, não deixe entrar no quarto de meu pai, pois ele vai se matar".

Essa frase, digna de uma patrícia romana, foi dita pela filha do General Gil de Almeida, comandante da Região, conforme o relato de Flôres.

> **"Eles exigiam de mim que eu me fardasse de general - eu já era general honorário - para prender o Gil. Quando eu entrei no Quartel-General, dos apartamentos da família, no primeiro andar, a filha dele veio direto, muito correta, e me disse: "Não deixe entrar no quarto de meu pai que ele vai se matar".**
>
> **"E eu digo: vá lá, tire o revólver dele, ninguém entra lá. Era muito varonil essa moça, sabe? Dizem até que ela meteu o revólver na barriga de um tal Lamaison, um grandote que tomou parte no ataque. De Passo Fundo. Mas essa moça procedeu com muita varonilidade".**

- General, esse ataque ao Quartel-General foi muito duro, não foi? perguntei.

> **"Foi muito duro. Foi uma coisa brutal. Mas aquele...**
>
> **Olhe você, eu já estou prá morrer, estou velho e doente, mas vocês são moços. Aquilo foi um ato que não se reproduz muitas vezes no mundo! Trinta guarda civis, com um comandando por fora, que saíram dali dos fundos da Brigada Militar, onde era a Guarda Civil - onde nós estávamos, eu, o Collor, os meus filhos, o Oswaldo - eles saíram como para serem distribuídos para o policiamento. E saíram assim: pep...pep...pep... Quando frontearam aquele ângulo morto do quartel da Região, o Costa (um gordo, que depois um guarda-civil, companheiro dele, matou, por causa da mulher, no meu governo) disse:**
>
> **À carga! O sentinela que estava à porta do Quartel General, eu nem vi o fim que deram nela, porque vi que atiraram ele para dentro. E subiram.**
>
> **Aqueles que na rua, à mão limpa, chê, só foram arrancar as armas, os revólveres, depois que o comandante gritou "À carga" que... que gesto (voz embargada) daquela gente! À mão limpa! Trinta homens! Mataram três ali... Esse Costa, gordo, deram-lhe um tiro na cara que... assim... E eu ainda fui encontrá-lo no segundo andar, com os oficiais da Região atrás dos birôs e ele com dois revólveres. Eu é que fiz baixar e tirei... aquele menino Cunha, que foi casado com uma Irulegui, aquele coronel, eu tirei à ele, tirei os outros - fiz ele baixar os revólveres e os levamos lá pro quartel da Brigada, ouviu? Ele apontava os revólveres e a cara, assim, pingando sangue. . . O gordo. Depois um guarda-civil matou ele, no meu governo, no volante do automóvel. Estava com a mulher do outro, o outro veio e matou..."**

- Mas atrás dessa vanguarda, da Guarda-Civil, naturalmente vieram, vieram... não veio reforço nenhum? pergunto.

> **"Não senhor. A Brigada Militar, a oficialidade toda era contra o movimento. Estava na calçada, vendo matarem os guardas-civis, e tudo assim... (gesto) de braços cruzados! O único, o único que atirou do..."**
>
> **'Cuidado... isso... cuidado com essa afirmação sobre a Brigada Militar' - aparteia o irmão do entrevistado.**
>
> **"Não, não! Não tem nada! É sabido! A parte da Brigada que tomou parte - ouviu, Chico?**
>
> **'a parte da Brigada que tomou parte lá na rua de Sant'Ana, perdeu muitos praças, portou-se esplendidamente. E a que veio atacar o Sétimo, beco do Oitavo, por trás do Sétimo, se portou**

muito bem. Mas aquela oficialidade que estava ali na frente do QG da Brigada, assistiu tudo assim... tudo de braços cruzados. Tanto que só botou um FM no primeiro andar, esse que era aviador da Brigada o...'"

- Noêmio Ferraz? ajudo eu.

"Noêmio Ferraz, que deu umas descargas nas janelas do Quartel-General, lá... Esse, foi. Ninguém mais. Tanto que um guarda-civil, quando eu cheguei na porta do Quartel-General, para não pisar nos miolos dele, eu passei por cima, saltei, porque um tiro, parecia... assim... levou as duas circunvoluções... e os miolos estavam a um ou dois metros do corpo...

Eu escorreguei ali... eu escorreguei em cima - aduzi. Vou lhe contar: aquele guarda civil era irmão da negra que criou os meus filhos. E eu não sabia... Da Nicácia, ouviu? Bem. Tanto que quando eu cheguei no ângulo morto do Quartel-General, gritei lá para os oficiais da Brigada Militar:

Tragam uma padiola para levantar este homem! de lá me respondeu aquele coronel, coronel Felício de Almeida - foi comandante da Escolta, depois foi meu prefeito em Iraí, meu prefeito em Viamão - aquele. Diz assim:

Nós não temos padiola! E eu digo: tragam: heim? Quando eu entrei no pátio do Quartel-General, no rés de chão, já se quadrou para mim, fez continência, o ajudante de ordens do Gil, ali um rapaz bravo, bravo mesmo. Depois foi morar em São Paulo, o Sebastião Dalísio Menna Barreto. Era 1º tenente. Ele disse, deu o nome e disse:

Parei de atirar porque não tenho mais munição! Digo: Baixe a mão, tenente. Bom. Um touro, esse homem. Portou-se como um touro ali. Então eu entrei no pátio, no rés do chão - e Oswaldo já estava - e ali esse que depois foi chefe da Casa Militar do Getúlio, Firmo Freire do Nascimento, estava lá junto da igreja das Dores, mas ainda no Quartel-General, deu um tiro de Mauser lá no Osvaldo. Quando entrei o Oswaldo me disse:

Olhe ele me atirou, olhe o buraco... Na parede velha havia um buraco e então todos os que entraram conosco, querendo atirar no homem. E eu disse: Não atirem! Não atirem! E eu disse prá ele:

Desça daí! Ele desceu e o aprisionamos. No limite do Quartel-General com a igreja das Dores. Ele ia subindo para pegar a torre de rádio e ver se se comunicava com as unidades... Ouviu? Firmo Freire... Depois foi chefe da Casa Militar do Getúlio. Interessante, ele, sergipano. Quando ele, às sete horas da noite, ficou ali no salão de honra do Quartel General, e eu... a gente entrava e saia... - mas já às sete da noite continuava o Sétimo resistindo, comandado por meu cunhado, Coronel Acauan..."

- Seu cunhado? - pergunto eu.

"Marido da irmã de minha mulher. E eu... eu digo... olhe coronel, o senhor está preso. Alferes! E eu vou levá-lo ali onde estão os outros oficiais da Brigada. Ele disse: Eu não tenho gorro e tal... Então pegou-se um gorro de outro, que estava ali num cabide do corredor que dá para o pátio interior, e o gorro ficou à flor do cabelo dele, ouviu?

E ele disse: Estou armado. E eu digo: Me dê o revólver aí pro... esse que hoje é tenente-coronel, da UDN, Braga de Menezes. E digo: entregue pra esse tenente. Era subchefe da Guarda Civil. E levei-o.

Atravessei a rua, do Quartel-General do Exército para o da Brigada. Mas como ele - aquele tiroteio no Sétimo baixava pela rua e vinha... era forte o tiroteio... ele, baiano velho, oficial do Estado-Maior, viu que estavam resistindo... e quando chegou à porta da Brigada (vinham atrás de mim o Oswaldo, o Adalberto Corrêa) - eu de revólver na mão, não dei um tiro! Quando chegou na porta do Quartel da Brigada Militar, ele disse pra mim:

Eu estou preso, mas os senhores não levarão a melhor! E eu digo: Por agora o senhor vai descansar, lá em cima. Mandei-o subir".

- Não foi nessa ocasião que o Dr. Francisco Brochado da Rocha foi ferido num pé? ocorre-me perguntar.

"Foi. Mas não ali. O senhor sabe que do lado de lá da igreja das Dores tinha uma espécie de..."

- Arsenal?

> **"Arsenal. E dali estavam atirando muito. Em mim, me caiu um reboco da parede no chapéu. Estavam atirando. Então eu fui pro lado de lá, pra ver donde vinha aquela resistência. Foi ali que foi ferido no pé o menino Brochado da Rocha. E eu e meus filhos, que estavam comigo, que gritaram:**
> **Saia daí, papai! Diz o... olha o reboco que está lhe caindo no chapéu! Estavam atirando de pontaria, de dentro do Arsenal. Esse menino foi ferido junto de mim. No pé. Cortou. O Chico, Chico Brochado".**

Não vi mais o bravo político rio-grandense, de tão discutida legenda. Poucos dias depois ele falecia. Era portador, sem dúvida, das virtudes e dos defeitos que marcaram as figuras mais representativas do Rio Grande, numa fase que já dobrou a esquina da história. Ornando de rasgos de generosidade, marcado por impulsos extremados, que o levavam a ser admirado por muitos, combatido por outros tantos.

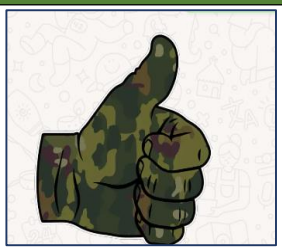
Estava extremamente envelhecido pela enfermidade, magro, alquebrado. Mas não esquecerei a transfiguração da sua fisionomia, quando, no entusiasmo da narrativa - longa narrativa, de que tirei apenas este trecho os seus olhos cintilavam, com um lampejo ainda da mocidade distante.

Foi o depoimento mais impressionante sobre um episódio, sem dúvida, o mais dramático, vivido pela rua da Praia.

Texto compilado por Luiz Ernani Caminha Giorgis sobre o livro citado abaixo do título e cedido pelo Dr. Eduardo Cunha Müller, tendo a ajuda do Dr. Frederico Euclides Aranha em relação aos nomes da família Aranha.

Nota do Editor: para maiores explicações sobre estes fatos, procurar o volume II da História da 3ª Região Militar, de autoria do Coronel Cláudio Moreira Bento, disponível na Internet.

"NÃO BASTA SER MILITAR;
É PRECISO SABER SER MILITAR"



Editor: Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Inf EM Veterano,
Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);
Sites: www.ahimtb.org.br e www.acadhistoria.com.br;
Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;
Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE -Delegacia Heróis de Guararapes: http://historiapatriota.blogspot.com